

Um estudo de caso sobre trajetórias femininas na Educação Profissional de Jovens e Adultos

Caren Rejane de Freitas Fontella

Valderez Marina do Rosário Lima

Resumo

O artigo trata de uma pesquisa sobre trajetórias femininas de escolarização no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA do *Campus* Restinga do IFRS. A pesquisa buscou compreender *quais elementos (responsabilidades) do cotidiano feminino influenciam a escolha pela Educação Profissional de Jovens e Adultos*. A metodologia utilizada foi a pesquisa narrativa e o método de análise do *corpus* a Análise Textual Discursiva, que permitiu a emergência de três categorias: Trajetórias femininas de escolarização; A vida depois do PROEJA; Relação com a comunidade da Restinga. A escolha pelo enfoque feminino decorreu do predomínio de mulheres no corpo discente do curso. Inferimos que a opção da entrevistada pela educação profissional se deu por tratar-se de um curso cuja proposta é voltada para o público jovem e adulto no qual ela não somente concluiria sua educação básica, mas obteria uma formação técnica, ampliando suas possibilidades no mercado de trabalho. Foi constatado que o papel social desempenhado pela mulher influenciou diretamente suas escolhas por permanecer ou abandonar os estudos. Os elementos que influenciaram essas escolhas foram, em especial, as responsabilidades com os filhos e com a casa.

Palavras-chave: Educação Profissional, Jovens e adultos, trajetórias femininas

Introdução

O PROEJA integra a Educação Básica e se constitui numa modalidade do ensino regular, pois possui regras específicas de atuação, destinando-se a jovens e adultos que não tiveram acesso ou não concluíram os estudos no período regular sugerido pelas políticas educacionais brasileiras. A educação profissional voltada para Jovens e Adultos se organiza a partir e no Decreto n. 5478, de 24/06/2005, e pretende oferecer uma educação profissional técnica de nível médio aos jovens e adultos. Convém ressaltar que o Decreto n. 5478 foi revogado em seguida pelo Decreto n. 5840, de julho de 2006, cujo texto final do referido decreto estabelece que esse programa é obrigatório e gradativo no âmbito das instituições federais de educação tecnológica. O PROEJA então é destinado à formação inicial e continuada de trabalhadores pela oferta da educação profissional técnica de nível médio integrada à Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). A educação profissionalizante surge como um mecanismo de inserção e reinserção no mercado de trabalho e se preocupa com as competências dos indivíduos para possibilitar-lhes melhores condições de empregabilidade, pois o PROEJA é um programa que faz parte das políticas

educacionais e seu objetivo maior é oferecer aos estudantes os saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos que complementam uma formação cidadã.

A Educação Profissional de Jovens e Adultos foi discutida em diversas pesquisas produzidas na academia em várias universidades do país, em especial no que tange a estudos sobre acesso, permanência e evasão dos estudantes (Noro, 2011; Moreira, 2011; Rocha, 2011; Silva, 2012; Pereira, 2011); currículo integrado (Silva, 2011; Sydow, 2012) e formação continuada de professores da educação profissional de jovens e adultos (Pereira, 2011; Lira, 2011; Gomes, 2012). Entretanto, pesquisas com foco na trajetória escolar de mulheres estudantes desta modalidade de ensino, ainda são escassos. Justificamos este trabalho a partir de sua relevância social, uma vez que a leitura do referencial teórico nos indicou a existência de poucas produções que versam sobre o assunto.

Freitas e Lima (2014) realizaram um estudo sobre as produções acadêmicas que abordavam gênero na educação de jovens e adultos no período de 2006 a 2012, e constataram que dos 989 estudos realizados, apenas 20 (vinte) tratavam diretamente sobre a temática gênero. Especificamente sobre a educação profissional de Jovens e adultos (PROEJA), os autores verificaram que de 182 estudos realizados neste mesmo período, somente 2 abordavam diretamente as questões de gênero.

Tais constatações justificam a pesquisa realizada, cujo objeto de estudo é a formação profissional e escolarização de mulheres no âmbito do Programa Nacional de Educação Profissional integrado à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Desenvolvemos uma pesquisa narrativa, abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender *quais os elementos (responsabilidades) do cotidiano feminino que influenciam a escolha pela Educação Profissional de Jovens e Adultos*. Do objetivo derivou-se o problema de pesquisa: *Como as demandas do cotidiano feminino influenciam a escolha pela Educação profissional de Jovens e adultos*, que se desdobrou nas seguintes questões secundárias: (1) *quais responsabilidades impostas à mulher influenciam no abandono e no retorno aos estudos* e (2) *o que motivou a escolha pela educação profissional voltada para jovens e adultos*. Estes questionamentos foram basilares para o estudo sobre os sentidos atribuídos pela estudante acerca de sua escolarização.

O artigo encontra-se organizado em quatro seções: a introdução, na qual apresentamos o entrelaçamento entre a instituição pesquisada e o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA; o delineamento metodológico, no qual apontamos a abordagem metodológica utilizada na pesquisa, e as estratégias para construção e análise do *corpus* de pesquisa. A

seção seguinte refere-se às categorias emergidas do *corpus* de análise e às reflexões acerca dos sentidos que foram atribuídos pela estudante à sua trajetória de escolarização; e por fim, nossas considerações.

A instituição pesquisada e o PROEJA

O *Campus* Restinga foi contemplado pela chamada Pública 01/2007 SETEC-MEC, que inaugurou o Plano de Expansão da Rede Federal Fase II, responsável por implantar 150 novas unidades em todo o país até o final de 2010. Essa conquista constituiu uma grande vitória para o município e em especial para o bairro Restinga, garantindo o fortalecimento de políticas públicas para a educação e para a inclusão social.

A instituição iniciou seus trabalhos em 26 de junho de 2010 em uma sede provisória localizada na Estrada João Antonio da Silveira (Restinga). Os cursos que deram origem ao *campus*, no segundo semestre de 2010, foram os técnicos subsequentes ao ensino médio em Administração, Informática para Internet e Guia de Turismo, oferecendo um total de 220 vagas. Em 2011, dois cursos integrados iniciaram-se no *Campus*: o técnico em Eletrônica e o técnico em Informática para Internet. Em 2012, com a liberação do primeiro de seis prédios da escola, o *campus* mudou-se para a sede definitiva, e neste mesmo ano, houve a abertura do curso Técnico integrado ao ensino médio na modalidade PROEJA, o técnico em Recursos Humanos, cuja primeira turma formou-se em 2014/2.

A turma do PROEJA 2012 foi selecionada por processo de ingresso diferenciado, o qual é composto por quatro etapas: Preenchimento do formulário de inscrição, participação de palestra informativa sobre o curso, entrega da documentação de inscrição e escrita de uma carta de apresentação. O processo de ingresso para o curso de PROEJA no *Campus* prioriza o público ao qual a política se destina, pontuando em maior escala os candidatos com maior idade, que já estão mais tempo afastados da escola e com condição socioeconômica mais vulnerável. Atualmente o Programa conta com 140 matrículas, incluindo o ingresso de 40 estudantes no corrente ano, compondo a quinta turma. O sujeito pesquisado neste trabalho é egresso da instituição, ingressou em 2012/1, na primeira turma, e formou-se em 2014/2. O perfil dos estudantes do curso mostra que 71,5% dos estudantes são mulheres.

O *Campus* localiza-se no extremo sul de Porto Alegre, no bairro Restinga¹. A Restinga convive com o grave problema de vulnerabilidade social, resultado de um longo período de negligência do poder público. No final da década de 1960, o modelo de desenvolvimento urbano adotado pelo país e implantado em Porto Alegre promoveu a remoção de significativos contingentes populacionais da região central da cidade. Os grupos que não possuíam condições de adquirir terra naquela região foram deslocados para a região da Restinga, distante, aproximadamente, 25 km do centro da cidade. Segundo dados do ObservaPOA (Observatório da Cidade de Porto Alegre), a Restinga possui 60.729 habitantes, que representam 4,31% da população do município, e destes 31.853 são mulheres. A taxa de analfabetismo é de 4,03% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 2,10 salários mínimos. O abandono escolar na Restinga, de acordo com dados do ObservaPOA, é o maior do município, com 20,82% frente a média de 8,8% de Porto Alegre. Por outro lado, a aprovação no Ensino Fundamental é de 85,47%, contra a média de 84,7% do Município.

Estes dados colocam o *Campus* Restinga do IFRS como importante agente de transformação da realidade escolar do bairro. A história do *Campus* remonta a busca da comunidade pela “Escola Técnica Federal de Porto Alegre na Restinga”, que se iniciou em 08 de maio de 2006 com a criação da Comissão Pró-implantação dessa unidade de ensino. Esse grupo foi composto por movimentos sociais com militantes da educação, da economia solidária e das Organizações Não Governamentais (ONG’s).

Delineamento Metodológico

A abordagem metodológica desta pesquisa foi a qualitativa e Bogdan & Biklen (1994) ressaltam que existe uma grande diversidade entre as investigações qualitativas e enumeram um conjunto de características que identificam essa abordagem de pesquisa, dentre elas o ambiente natural como fonte direta de dados, o caráter descritivo da pesquisa, uma maior ênfase na análise indutiva dos dados, e que o significado que as pessoas atribuem às suas vidas é de vital importância para o investigador. Optamos, ainda, por efetuar um estudo narrativo (Abrahão, 2001; Creswell, 2014) cujo *corpus* foi construído a partir de entrevista

¹ A palavra ‘Restinga’ significa – pequeno arroio com as margens cobertas de mato e sanga – e corresponde às características do bairro no início de sua ocupação, uma vez que era cortado pelo Arroio do Salso, e possuía uma vegetação arbustiva e matas com figueiras nos sopés dos morros e maricás nas áreas lacustres. Nos dias de hoje, o bairro Restinga é dividido pela Av. João Antonio da Silveira: no lado direito, há a Restinga Velha e, ao lado esquerdo, a Restinga Nova. As duas fazem parte do mesmo bairro, e possuem características próprias, que remetem à ocupação de seus respectivos territórios nas décadas de 60 e 70 do século XX.

realizada com uma estudante egressa da Educação profissional de Jovens e adultos (PROEJA) do IFRS - *Campus* Restinga. Para Creswell (2014), um tipo específico de narrativa é a história oral, que focaliza reflexões pessoais sobre um evento específico com a finalidade de conhecer visões contextualizadas de determinados fenômenos sociais, neste caso a relação entre cotidiano feminino e escolha pela Educação Profissional voltada para o público Jovem e Adulto.

O instrumento de construção do *corpus* de análise foi a entrevista semi-estruturada, segundo a perspectiva teórica de Flick (2004) e o método de análise utilizado neste trabalho seguiu a perspectiva teórica da Análise Textual Discursiva, em acordo com as propostas de Moraes e Galiazzi (2007). No processo de análise emergiram três categorias cuja descrição e interpretação é apresentada a seguir.

Trajetórias femininas de escolarização

Esta categoria objetiva discorrer sobre a influência das questões características do feminino, tais como gestação, cuidado com os filhos e a casa, na trajetória de escolarização das mulheres. Nesta pesquisa, entenderemos o feminino como algo que se apresenta a partir de relações de gênero historicamente construídas.

Gênero é definido como a construção social, histórica e cultural das diferenças baseadas no sexo. As diferenças de gênero basearam-se nas diferenças entre os corpos de homens e mulheres, principalmente em relação a diferença dos órgãos sexuais. O gênero, na visão de Bourdieu (2014), é uma dimensão constitutiva do *habitus* que, entendido como um sistema gerador de um conjunto de práticas recorrentes e de representações, são responsáveis pela produção e reprodução das práticas e experiências de homens e mulheres.

O crescimento da participação feminina na esfera pública, principalmente nas áreas da educação, política e trabalho, é apontado como um dos fatores responsáveis por importantes modificações, sobretudo, no que diz respeito à sexualidade e à família (Borges e Guimarães, 2000). Tais mudanças redefiniram não somente a identidade e a autoafirmação dos valores sociais das mulheres como também os papéis sociais e o comportamento feminino. O redimensionamento dos papéis femininos configurou-se em todas as classes sociais, elevando a participação da mulher na esfera trabalhista e escolar.

Mesmo diante de avanços no que diz respeito aos espaços femininos, a sociedade permanece negando à mulher espaços de igualdade, tanto no ambiente de trabalho como no ambiente doméstico. Para grande parcela das mulheres brasileiras, experiências de trabalho e

de vida familiar se fundem em um misto de interdependência que acaba por impor-lhes uma dupla jornada de trabalho, ou até mesmo tripla, quando optam por retomar os estudos (MELO, 2005).

E não foi diferente para a entrevistada, ela conta sua história de vida, e é visível durante toda a sua fala os atravessamentos das questões do feminino em sua trajetória escolar. Ela conta que por questões familiares, repetiu diversas vezes na 7ª série, e somente conseguiu concluir o ensino fundamental, com bastante dificuldades, através do ensino supletivo. Com 21 anos, engravidou do primeiro filho, e mudou-se para o litoral. Ela relatou que tentou concluir o ensino médio durante os dois anos que morou lá, porém não conseguia se manter na escola, pois trabalhava 10 (dez) horas por dia: “[...] fiquei lá dois anos, tentei estudar lá, mas não tinha como, trabalhava 10 horas por dia”.

Um ano depois de mudar-se para o litoral, a entrevistada engravidou de seu segundo filho e logo em seguida voltou para a Capital com ambos os filhos. *“Vim parar na Restinga sem um real no bolso. Porto Alegre na verdade, não foi na Restinga ainda. Com uma criança de 1 ano e 10 meses pela mão e um com 14 dias no braço”*. Neste momento, a entrevistada viu-se sozinha, sem o apoio nem da família, nem do pai de seus filhos. *“Resultado, eu rolei por 12 casas diferentes, de pessoas estranhas, ninguém da família. Até conseguir falar com um amigo, que conseguiu uma chave de uma casa emprestada aqui na Restinga”*.

O mercado de trabalho discrimina as mulheres com filhos pequenos por medo de que elas faltem ao trabalho, e isso se evidencia na própria fala da entrevistada. *“E eu estava trabalhando já, no shopping praia de belas em uma loja, sem que eles soubessem que eu tinha filhos”*. Para poder trabalhar a entrevistada teve que deixar os filhos com estranhos. *“Tive que arrumar gente que eu nunca tinha visto na vida para ficar com eles, e estava bem complicado”*.

Algum tempo mais tarde, conheceu o pai de seus outros dois filhos *“E aí foi quando eu conheci o pai dos mais novos, e meio que por necessidade tive que ficar com ele mesmo, fui para a casa da mãe dele, para sair daquela situação em que eu estava, para tirar os guris (referindo-se aos filhos) daquela situação”*. Neste momento, a entrevistada tenta novamente retomar os estudos em uma escola de ensino médio na Restinga, porém novamente não conseguiu permanecer estudando por muito tempo. Ela conta que levava os quatro filhos para a aula, pois não conseguia creche para nenhum deles, mas que isso afetava a saúde dos meninos *“No Ildo eu fiquei 3 anos remanchoando, para tentar fazer o médio, ... e levava os guris. [...]Tinha dias assim, eu estava com os quatro em sala de aula fazendo prova. E eles*

começaram a adoecer”, e ela novamente teve que parar os estudos “Aí eu sei que chegou um ponto no Ildo que não deu mais, eu digo não tem condições”.

Percebemos pelo relato de vida da entrevistada que durante toda sua trajetória escolar, permearam suas decisões de permanecer ou abandonar na escola, as responsabilidades que possuía com o gerenciamento da casa e cuidado dos filhos. Mas que mesmo frente a todas as dificuldades enfrentadas, ela tentou retomar os estudos por diversas vezes no ensino médio regular (fora da modalidade de Jovens e adultos). Somente com o ingresso na Educação Profissional de Jovens e adultos, cujas aulas ocorriam a noite, foi que a entrevistada pôde concluir seus estudos.

Ela relata na entrevista que antes da abertura do curso de PROEJA no *Campus Restinga*, ela ingressou no curso Técnico em Informática para Internet Integrado ao Ensino Médio, cujas aulas ocorriam no turno da tarde, e que novamente não pôde continuar devido às responsabilidades com a educação dos seus filhos,

“Daí abriu um integrado e eu disse, tá vai ser ali que eu vou. E fui, só que não estava dando conta igual porque era de tarde, e me complicava a vida por causa dos guris, porque eu tinha que sair mais cedo, tinha que ir buscar os guris, tinha que levar, tudo era eu, né. E era comida, e eles tinham que estar na escola as 13h30 e eu tinha que estar na escola as 13h30, e não tinha como. Eu terminava de dar comida, entregava o povo no colégio e tinha que estar na aula, tudo ao mesmo tempo. E chegou um ponto que eu parei”. (Entrevistada)

Foi na Educação Profissional de Jovens e Adultos que a entrevistada conseguiu concluir seus estudos *“Daí fui para o proeja e graças a deus me formei né”*. A escolha pelo curso, conforme relatado pela entrevistada, não se deu em virtude da ênfase do técnico (técnico em recursos humanos), e sim por tratar-se de um curso de ensino médio (educação básica), técnico (profissionalizante), na modalidade de jovens e adultos (em tempo reduzido), e de qualidade.

“Mas como era federal e era um proeja de 3 anos, não era só um ensino médio, não vou chegar ali e só fazer de conta que aprendi. Pô eu pensei, é um negócio que eu vou fazer para realmente me formar, poder bater no peito e dizer eu me formei no ensino médio de verdade, e ainda assim fiz um curso técnico”. (Entrevistada)

Para Lahire (2004), o sucesso ou insucesso escolar podem ser explicados pelas experiências de socialização e suas decorrências nas trajetórias escolares, as quais podem ser

entendidas como mediadores sociais. Pare ele, tais mediadores podem identificar os motivos que causaram o abandono e ainda o que levou o aluno a retornar aos estudos.

Sobre a trajetória de escolarização da entrevistada percebemos durante a narrativa que os elementos constitutivos do ser feminino (responsabilidade com os filhos, cuidados com a casa, dentre outras) permearam toda sua trajetória de escolarização, tendo relação direta com suas decisões pelo abandono e pelo retorno aos estudos, além de influenciar sua decisão pela Educação Profissional de Jovens e Adultos, pois percebemos na narrativa que apesar das incessantes tentativas de concluir os estudos na rede regular de educação (em turnos diurnos e não na modalidade de jovens e adultos), foi somente na educação profissional de jovens e adultos, cujas aulas ocorrem à noite, que ela conseguiu manejar seus compromissos juntamente com os estudos e concluir sua educação básica em conjunto com uma formação profissional de nível técnico.

A vida depois do PROEJA

Esta categoria objetiva apresentar qual a influência que a conclusão dos estudos teve na vida da entrevistada, além de evidenciar as escolhas feitas por ela, no que tange a continuidade dos estudos para além da educação básica. Nesta pesquisa, partimos do pressuposto que a construção de uma trajetória pode mostrar, além da história vivida, as situações relacionais que se estabelecem e as formas estruturais a que o sujeito fora submetido. Nesse sentido, colocamos em evidência as estratégias buscadas pela entrevistada para a mobilidade social e econômica e os papéis sociais definidos nos diferentes momentos de sua história.

Para Bourdieu (1996) “Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus* e reconstitui a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos”. Portanto, a noção trazida por Bourdieu de trajetória, possibilitou considerarmos as inter-relações existentes entre os fatos passados, os fatos presentes e os determinantes estruturais que interferem nas situações de vida.

A entrevistada relatou a importância que o *Campus* Restinga teve em sua vida. Não somente pela oferta do curso de PROEJA, mas por poder dar continuidade aos estudos dentro da própria instituição e pelas políticas de permanência que o *Campus* possui. Ela narrou que no *Campus* encontrou muitos incentivos, que a ajudaram a permanecer estudando, como o auxílio permanência ofertado pela escola para os estudantes com vulnerabilidades sociais, e o

programa de bolsas de ensino, pesquisa e extensão “[...] sempre tive assistência aqui, graças a Deus”.

“[...] Primeiro eu fui bolsista quando era do integrado em informática. Quando eu voltei, já no RH eu peguei de estagiária na gestão de pessoas do campus, e quando estava finalizando o contrato fui para a biblioteca. E aí depois peguei a bolsa no meio do ano passado, de pesquisa. Foi maravilhoso também [...]”. (Entrevistada)

Vasconcelos (2010) traz que na legislação brasileira a educação é concebida como um direito fundamental, e um instrumento de formação do exercício da cidadania e emancipação social, tendo o comprometimento primordial à formação integral do ser humano. Mas que apesar disso, no contexto sociocultural brasileiro, observamos que historicamente a educação não tem sido um direito exercido por todos. A política de assistência estudantil vem com o intuito de ampliar a garantia desse direito.

A entrevistada narrou que mesmo hoje o auxílio estudantil oferecido pela instituição é de grande ajuda, não somente para o transporte dela e dos filhos para a escola, como para a alimentação da família. Quando questionada acerca do significado da assistência estudantil em sua vida, ela responde:

“A luz no fim do túnel. Foi a luz no fim do túnel, porque era a resposta que eu tinha na ponta da língua quando perguntavam: o que é que tu quer estudando? uma mulher cheia de filhos, que não tem eira nem beira. Pois é, mas tu sabia que eu estudo e eu recebo para estudar. E eu tapava a boca de quem quisesse. Ah...eu não acredito, eles diziam para mim. Acredita. Me perguntavam: quanto que tu paga lá para estudar! Eu dizia, tu não paga, meu amor. Tu recebe para estudar. E é o que eu digo até hoje”. (Entrevistada)

No que tange a continuidade nos estudos, a entrevistada ainda permanece no *Campus*, realizando dois cursos, um subsequente ao ensino médio na área de Administração e um tecnólogo de nível superior em gestão, e conta que deu continuidade aos estudos pela mobilidade social e econômica, para mostrar para os filhos uma vida diferente daquela que eles conhecem. “[...] poder mostrar para eles como é que é. Porque eles não têm noção do que é viajar de férias, por exemplo. Eles nunca viajaram de férias”. Ao contar sobre seus planos futuros, tanto no nível escolar quanto no profissional, relatou que não pretende mais parar de estudar e se qualificar, e que ainda irá realizar processo de ingresso para o técnico subsequente ao ensino médio em guia de turismo (no qual pretende construir uma carreira no

futuro), e que este ano também começou a prestar provas para concursos públicos "*Então a intenção é tentar passar num concurso rápido*".

Segundo Lahire (2004), o percurso escolar é determinado por muitas variáveis que impossibilitam determinar, a priori, as situações de sucesso ou fracasso do estudante. Essas variáveis fazem parte de uma rede de relações de interdependência e, portanto, possuem características próprias. No caso da entrevistada, podemos dizer que ela obteve sucesso em relação à formação, pois conseguiu concluir o curso e obter uma profissão, além de ter escolhido dar continuidade aos estudos na educação de nível superior e subsequente no próprio *Campus*.

Sobre a continuidade da trajetória da entrevistada após o PROEJA pudemos inferir que o retorno à escola, principalmente num curso de formação profissional, contribuiu para a aquisição e mudanças de atitudes, relacionadas, principalmente ao campo de trabalho. Quanto à profissão, ela relatou não ter interesse em seguir na área em que se formou, e que pretende seguir em outra área, porém que para a profissão que pretende exercer os conhecimentos adquiridos em sua formação profissional no PROEJA serão muito importantes. Além disso, ela traz diversas vezes em sua narrativa a importância das políticas de assistência estudantil para sua trajetória escolar, pois foram elas que viabilizaram sua permanência na instituição e a conclusão de sua educação básica.

Relação com a comunidade da Restinga

Nola Gamalho (2008, p. 2) assinala que “na fragmentação da cidade, há espaços aos quais são atribuídos os males da sociedade, identificados como produto e produtores de desordem e de caos; outros, da ordem e da modernidade”. O bairro Restinga se insere nessa reflexão.

O bairro é colocado socialmente no imaginário da população do município como um lugar de pobreza e violência. Entretanto, a realidade é outra, muito mais complexa, envolvendo a história de vida dos moradores e a história de criação do bairro e deste entrelaçamento estabelece-se um sentimento de pertencimento muito forte na comunidade, pois o lugar é significado a partir das lutas. E neste mesmo sentido segue a narrativa da entrevistada referente às relações com o bairro. Ela traz em sua narrativa que caiu na Restinga de “paraquedas” sem nunca ter ouvido falar do bairro antes “*E eu vim parar aqui, caí de paraquedas sem nunca ter vindo aqui. Nunca havia posto meus pés aqui, não sabia nada daqui*”.

A entrevistada narra que o bairro foi muito significativo em todas suas conquistas, e que nunca teria conquistado tudo que conquistou se não estivesse na Restinga. Porém, relata que não possui muita intenção de permanecer no bairro,

“Eu vim parar aqui não foi porque eu quis. Não reclamo da restinga. A restinga me deu muita coisa. Agradeço muito o que a Restinga me deu, porque eu acho que nenhum lugar teria dado tudo que eu consegui aqui. Eu conquistei muita coisa aqui, apesar de não querer ta aqui. Então eu agradeço muito a isso, mas eu acho que tudo que eu tinha para tirar da restinga eu já to terminando de tirar”.
(Entrevistada)

Na entrevista ela relata que realizou todos os cursos de curta duração oferecidos no bairro, pois como não conseguia permanecer estudando por um período longo de tempo realizava os cursos para se capacitar “[...] daí aparecia um curso de cozinha, eu fiz, de manicure, eu fiz; apareceu um de informática, eu fiz; de gastronomia, eu fiz. Fiz de padaria, de cozinha humanitária, todos que tiveram aqui [...]”. O mesmo sentimento de gratidão e conquista proporcionados através do bairro é comentado pela estudante acerca do *Campus Restinga*,

“Eu acho que tudo aqui é importante (IFRS). O fato de estar aqui é importante, o fato de poder continuar, dar sequencia nos estudos aqui dentro é importante”. (Entrevistada)

E assim constitui-se a relação da entrevistada com o bairro. Uma relação de gratidão por tudo que pôde conquistar estando na Restinga, mas ao mesmo tempo de reconhecimento acerca do preconceito existente na sociedade em relação aos moradores do bairro, em especial no momento de buscar por oportunidades de emprego. Mesmo assim, o sentimento dos moradores do bairro, da mesma forma que para nossa entrevistada, é de pertencimento e carinho, conforme apontado por Nola Gamalho,

“É no plano do vivido que a apropriação dos lugares adquire sentido e valor para os sujeitos, independente se a forma de acesso foi formal ou informal. O bairro Restinga possui uma diversidade de mecanismos de apropriação e significação do espaço, produzindo uma intensa fragmentação interna. A produção do bairro a partir das formas de acesso ao solo urbano e, conseqüentemente, à moradia, juntamente com as trajetórias de vida das pessoas, compõem o contexto em que o bairro é identificado positivamente por seus moradores”. (2009, p. 71)

É importante lembrar que o bairro foi constituído a partir do modelo de desenvolvimento urbano que promoveu a remoção de significativos contingentes populacionais da região central da cidade para regiões periféricas, como a Restinga, distante aproximadamente 25 km do centro da cidade. Desta forma, encontrar oportunidades de trabalho e de estudo (educação básica e superior) dentro do bairro é de extrema importância, considerando a distância que o bairro dista do centro da cidade.

Percebemos, a partir da narrativa, que a entrevistada encontrou no bairro o apoio que não encontrou na família. Que através das redes de solidariedade conheceu pessoas que a ajudaram a encontrar um lugar para morar, que cuidaram de seus filhos enquanto ela trabalhava, que compartilharam com ela os momentos bons e ruins de sua vida. Além disso, ela encontrou no bairro diversas oportunidades de educação informal, e mais tarde pôde dar continuidade aos seus estudos na educação formal, concluindo sua educação básica e seguindo para o ensino superior.

Considerações finais

Esperamos que o presente estudo possa contribuir para a compreensão acerca de como a reprodução do papel social imposto à mulher influencia a escolha pela Educação Profissional de Jovens e Adultos, e frente a isso, quais responsabilidades assumidas pela mulher influenciam no abandono e no retorno aos estudos e qual a motivação pela escolha desta modalidade de ensino. Sabemos, no entanto, que o trabalho apresentado não se esgota aqui, e que é necessário desenvolver mais estudos sobre essa relação, a fim de que a mulher seja vista como sujeito integral, dentro das complexidades que se apresentam no seu fazer cotidiano.

O presente estudo buscou compreender quais os elementos (responsabilidades) do cotidiano feminino que influenciam na escolha pela Educação Profissional de Jovens e Adultos através da narrativa de uma egressa desta modalidade de ensino. Constatamos por meio da narrativa que o papel social desempenhado pela mulher influenciou diretamente as escolhas da entrevistada por permanecer ou abandonar os estudos. Os elementos do fazer feminino que permearam suas escolhas foram, em especial, as responsabilidades com os filhos e cuidados com a casa, além das questões familiares durante sua infância e adolescência. Ela relatou que tentou concluir sua educação no ensino médio voltado para estudantes em idade regular, mas que por muitas vezes tinha que levar os filhos com ela para

a escola (o que afetava diretamente a saúde dos filhos), e que por isso, acabava tendo que deixar de dar continuidade aos estudos, e mais tarde, quando tentou novamente retomar os estudos, o compromisso com a educação dos filhos (alimentação, educação, etc), a fez, novamente abandonar.

Foi através do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, que possui como objetivo oferecer oportunidade de estudos àqueles que não tiveram acesso ao ensino médio na idade regular, que a entrevistada pôde concluir seus estudos. Ela traz em sua entrevista que não queria “fazer de conta que aprendeu”, que queria ter orgulho de concluir sua educação de forma integral, conforme consta no documento base do PROEJA,

“Nesse sentido, o que realmente se pretende é a formação humana, no seu sentido lato, com acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos historicamente pela humanidade, integrada a uma formação profissional que permita compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa. A perspectiva precisa ser, portanto, de formação na vida e para a vida e não apenas de qualificação do mercado ou para ele” (BRASIL, 2006).

O capital cultural constituído no curso de PROEJA, pela entrevistada, representou a retomada de uma meta, antes interrompida diversas vezes no ensino médio regular (fora da modalidade de Jovens e adultos); a conquista de dar continuidade e concluir os estudos, chegando ao ensino superior; a possibilidade de dar aos filhos uma condição de vida diferente. Significou alterar a sequência de sua trajetória.

A relação com a comunidade e as oportunidades encontradas no bairro, foram de grande importância para a entrevistada, pois a mesma nos relatou que não teria conquistado o que conquistou se estivesse em outro lugar. O bairro oferece diversas oportunidades de capacitação na educação informal, e agora na educação formal com o *Campus Restinga* do IFRS, trazendo à comunidade uma instituição pública federal de ensino. A importância da “escola técnica” na Restinga, como carinhosamente dizem os moradores, veio por meio da luta da comunidade, como mais uma opção de oferta de ensino médio, além da oferta de outras modalidades de ensino.

Oportunizar uma educação profissional de qualidade, aliada à conclusão da educação básica é requisito fundamental para o empoderamento das mulheres em todas as instâncias sociais. Por isso a importância da implantação das políticas públicas educacionais, que visem

atender realmente ao público a que se destina, no caso o PROEJA, que é destinado ao atendimento de pessoas jovens e adultas. Assegurando, assim, o direito a educação.

Por fim, em relação a escolha da entrevistada pela educação profissional de jovens e adultos, pudemos inferir que a escolha pela modalidade de ensino não se deu em virtude da ênfase do técnico, mas sim por tratar-se de um curso de ensino médio, técnico, na modalidade de jovens e adultos e de qualidade.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **História e Histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense.** Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BOGDAN, Robert. C., BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação.** Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, Ângela, GUIMARÃES, Iracema Brandão. **A mulher e o mercado de trabalho nos anos 90: o caso da Região Metropolitana de Salvador.** In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da. *Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios.* São Paulo: Editora 34, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** São Paulo: Cia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina: A condição feminina e a violência simbólica.** 2. Ed. - Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA.** Educação Profissional Técnica de Nível Médio/ Ensino Médio. Documento Base, 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/acs_proeja.pdf> Acesso em 04 de abril de 2016.

DIAS, Daniela Augusta Guimaraes. **A trajetória de jovens e adultos no PROEJA: um estudo sobre o instituto federal de educação, ciência e tecnologia do sul de Minas Gerais - Campus Machado.** Niterói: UFF, 2012.

Gamallo, Nola Patrícia. **A produção da periferia: das representações do espaço ao espaço de representação no bairro Restinga - Porto Alegre/RS.** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GOMES, Maria Rosilene Maues. **Formação continuada: dimensão da prática pedagógica e desenvolvimento profissional dos professores do PROEJA.** Belém: UEPA, 2012.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos meios populares.** As razões do improvável. São Paulo: Ática, 2004.

LIRA, Carla Andreza Amaral Lopes. **Formação continuada de professores para o proeja: a realidade do instituto federal de educação, ciência e tecnologia do Pará IFPA.** Fortaleza: UFC, 2011.

MELO, Hildete Pereira de. **Gênero e pobreza no Brasil**. Relatório final do projeto Governabilidade Democrática de Genero en America Latina y el Caribe. Brasília: 2005, 47p. Disponível em <http://www.spm.gov.br>. Acesso em 17 abril de 2016.

MORAES, Roque., GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí, Unijuí, 2007.

MOREIRA, Priscila Rezende. **Evasão escolar nos cursos técnicos do proeja na rede federal de educação profissional e tecnológica de minas gerais**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

NORO, Margarete Maria Chiapinotto. **Gestão de processos pedagógicos no PROEJA : razão de acesso e permanência**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

PEREIRA, Cristiane Jorge. **Os desafios da formação continuada de docentes para atuação na educação profissional articulada à educação de jovens e adultos**. Brasília: UnB, 2011.

PEREIRA, Josue Vidal. **O proeja no instituto federal de Góias - campus Goiânia: um estudo sobre os fatores de acesso e permanência na escola**. Brasília: UnB, 2011.

ROCHA, Wellington Moreira da. **Educação de jovens e adultos e a evasão escolar: o caso do instituto federal do Ceará campus de fortaleza**. Fortaleza: UFC, 2011.

SILVA, Silvana Vanessa Martins da. **A problemática da evasão de estudantes vinculados ao proeja no IF baiano - campus Guanambi**. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2012.

SILVA, Maria Lusinete da. **Currículo integrado e formação continuada de professores: entre desafios e sonhos no proeja IFPA**. Fortaleza: UFC, 2011.

SYDOW, Bernhard. **Currículo integrado para o PROEJA**. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

VASCONCELOS, Natalia Batista. **Programa Nacional de Assistência Estudantil: Uma análise da evolução da assistência estudantil ao longo da história da educação superior no Brasil**. Ensino Em-Revista, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 599- 616, jul./dez. 2010.